

UMA RUPTURA A-SIGNIFICANTE: O DESCONSTRUIR-SE A IDEIA DE UMA “NOVA CIÊNCIA ARQUIVÍSTICA PÓS-MODERNA” SOB UMA ÓTICA PÓS-ESTRUTURALISTA

Luiz Eduardo Ferreira da Silva¹

RESUMO

Neste ensaio procuramos desconstruir o status de uma “nova arquivística” funcional pós-moderna canadense a partir de uma análise pós-estruturalista. Desse modo, por intermédio de uma pesquisa teórica, buscamos compreender a relação epistemológica/conceitual no contexto arquivístico por meio de uma análise dos paradigmas tradicional/custodial e funcional/pós-custodial – este último com influência pós-moderna. Nesse sentido, essa dualidade permeia o entremeio da área principalmente no aspecto teórico-metodológico. Por conseguinte, afeiremos que a pós-modernidade é dirimida no campo arquivístico de forma descompensada e conflitante, pois o paradigma funcional/pós-custodial não se configura por um reformismo nem redefine o hall de uma “nova arquivística” como direcionada pela parte canadense.

Palavras-chave: Arquivística tradicional. Arquivística pós-custodial. Pós-estruturalismo. Pós-modernidade.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade uma ala muito contundente da literatura arquivística tenta direcionar uma nova reformulação paradigmática, ou seja, uma tentativa de redefinição das propriedades, dos princípios e conceitos por meio de uma reintegração da disciplina. Nesse sentido, a produção arquivística canadense é apontada por alguns pesquisadores nacionais e internacionais como o ápice de uma “nova arquivística”, pois traria uma dinamicidade mais remodelada principalmente a partir da desterr-

¹ Mestre e Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Assistente no curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará (ICSA-UFPA). E-mail: luizeduardo@ufpa.br.

torialização com o modelo tradicional da custódia, por meio de uma visão holística influenciada pela pós-custodialidade² e tem Terry Cook como um de seus precursores. Dessa maneira, esse rompimento com o tradicional é apontado por essa “nova” corrente emergente em suas três fases: Arquivística Integrada, a Funcional e a Diplomática como o elo de reformulação da arquivística e, assim, enquadrando uma roupagem mais volátil do ponto de vista da organização, do acesso e do uso da informação que abrange os documentos eletrônicos por meio da tecnologia da informação. Por conseguinte, partimos de uma análise pós-estruturalista para identificar tais aspectos e apontar que essa abordagem canadense não se configura por modificar o entremeio teórico-metodológico da Arquivologia, colocando-a no hall de cientificidade com ênfase em novos processos de produção do saber.

Diante disso, a concepção pós-estruturalista se fundamenta em algumas características muito peculiares na maneira de se pensar o social. Logo, apreendemos a olhar uma nova concepção de mundo. Então, essa descrição da sociedade é uma das percepções que marcam o pós-estruturalismo. De todo modo, é pertinente contextualizar que o pós-estruturalismo não é a mesma coisa de pós-modernidade³, são abordagens completamente antagônicas sob vários aspectos conceituais. Dessa maneira, nesse ensaio, partimos de um *desconstruir-se* para tecermos um olhar crítico sobre a ótica de uma pós-modernidade/funcional na Arquivologia.

Com efeito, o conceito pós-moderno é permeado pela controvérsia e se configura atualmente no cenário de diversas áreas do conhecimento, sobretudo das ciências humanas e sociais, e que chega ao campo arquivístico. Sendo assim, a pós-modernidade é colocada como um amálgama que traria um novo “re-encatamento do mundo” e que seria

² Segundo Fonseca (2005, p. 60), pode-se considerar que a abordagem identificada como Arquivologia pós-moderna ou Arquivologia pós-custodial surge no Canadá no início da década de 1990. Seus principais pressupostos remetem, naturalmente, aos princípios identificados com os preceitos do pensamento pós-moderno. Terry Cook pode ser considerado o “pai” dessa abordagem.

³ Segundo Eagleton apud Harvey (2007), o pós-modernismo assinala a morte dessas “metanarrativas” cuja função terrorista secreta era fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana “universal”. Estamos agora no processo de despertar do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche da totalidade, para o pluralismo retornado do pós-moderno, essa heterogênea de estilos de vida de jogos de linguagem que renunciou ao impulso nostálgico de totalizar e legitimar a si mesmo. A ciência e a filosofia devem abandonar suas grandiosas reivindicações metafísicas e ver a si mesmas, mais modestamente, como apenas outro conjunto de narrativas.

marcado por uma igualdade formal, em que nos distanciaríamos dos racionalismos metódicos verificáveis e falseáveis da universalidade da ciência. No entanto, é plausível questionarmos o que de fato se configura como pós-moderno, ou seja, o que é uma área do conhecimento pós-moderna? Quais os elementos que caracterizam um campo como pós-moderno? Logo, devemos discutir as características comuns que definem esse “incantare” pós-moderno, que não se apega mais aos traços definidores de uma modernidade arruinada pelas suas ambições a partir dos aparatos do moderno e da tecnicidade, passando a pensar em formatos disjuntivos e polimorfos.

Dessa forma, é necessário reorganizarmos nossos pensamentos e refletirmos sobre a aplicabilidade desse novo espírito na contemporaneidade, principalmente trazendo como escopo a identificação desse prefixo (pós-)modernidade.

De maneira geral, entende-se por pós-modernidade o momento que deixamos de ser “passivos” do dogma técnico-científico da modernidade, uma vez que não estaríamos mais “genitais” aos cânones da produção do conhecimento tecnocrata, e começaríamos a redefinir um novo lugar para a ciência, pois, no mundo pós-moderno, a representatividade unificadora na maneira de pensar o mundo social deixaria de existir.

No entanto, compreendemos que esse aspecto é totalmente emblemático, pois os pós-modernos surgem com um discurso exacerbado do (des)construtivismo; porém, entendemos que nesse mundo a totalidade unificadora aparecerá sem uma rotulagem visível, mas estará presente nas ações de seu jogo, sobretudo no “desconstruir/construindo”.

Destarte, sem menosprezar esse novo enigma chamado pós-moderno, perceberemos que há uma contradição em torno de sua funcionalidade e aplicação no entremeio arquivístico, porque, para os ditos pós-modernos, o progresso da razão, ou seja, a racionalidade, deve ser superada por uma ação não intencionada daquilo que se produz, pois o cientista e a ciência, no contexto pós-moderno, não se prenderiam mais às leis gerais unificadas.

Essa aresta parece-nos meio perigosa, pois, se não devemos estar presos a leis e regras metódicas, então, por que a pós-modernidade e seus súditos criam um novo “jeitinho” de lidar com as totalidades da ciência, uma vez que a pós-modernidade seria uma estrutura que territorializa suas determinações não clarificadas? Ou seria a pós-

modernidade uma nova lei total padronizada em nuvens utópicas? Logo, identificar uma postura crítica por meio da pós-modernidade é algo emblemático no que tange à condição histórica daquilo que se almeja, sobretudo na tentativa de (des)naturalizar os fenômenos.

Nesse sentido, no contexto pós-moderno, o indivíduo parece levar consigo um chip que é planejado para desenvolver seus desejos imediatos, ou seja, uma liberdade que se dilui nas suas referências categóricas, principalmente daquilo que se pretende buscar. De todo modo, esse caráter “libertário” é o que se distanciaria do projeto da modernidade, porque a pós-modernidade teria uma tendência (des)construtiva das ações do projeto moderno.

Com efeito, em meio a essa controvérsia, o emprego do espírito (pós-)moderno ganha força no campo arquivístico com Terry Cook, que traz a ideia paradigmática do funcional, sobretudo a partir de uma tentativa de redefinição teórica da Arquivologia. No entanto, é fundamental salientar que essa ramificação é auferida por significações confusas e indefinidas no sentido de aplicabilidade, pois tenta romper com algumas características metodológicas da Arquivologia clássica, como os manuais arquivísticos⁴, sobretudo os dos holandeses e de Hilary Jenkinson nos séculos XIX e XX.

Dessa forma, esse rompimento se daria na ideia do distanciamento dos registros e fatos, passando a ser mais dinâmico, uma vez que a Arquivologia e os arquivistas no contexto pós-moderno teriam uma ação mais social e volátil, pensando então no processo contrapondo-se ao produto no contexto, na agilidade e na flexibilidade da informação arquivística e do arquivo frente aos avanços tecnológicos.

Segundo Cook (2012), os arquivistas não podem mais ser guardiões passivos dos arquivos; logo, auferimos que no contexto pós-moderno a passividade se fará presente e de forma mais coercitiva. Nesse “novo mundo”, o arquivista teria de saber lidar com atribuições que vão além de sua formação. Além disso, é oportuno apontar que essas correntes pós-modernas pensadas na Arquivologia são totalmente transgressoras uma vez que

⁴ Segundo Lopes (1998, p. 66): “O manual holandês inaugurou o pensamento arquivístico tradicional por suas regras e seus métodos de tratamento dos arquivos definitivos, tomando por base os postulados do positivismo clássico. Hilary Jenkinson seguiu os passos dos holandeses, todavia, com um pouco de mais raciocínio pragmático”.

se enquadram dentro de um atrofiamento que aprisiona o saber arquivístico em correntes utópicas.

No entanto, percebemos que essa nova ideia funcional/pós-moderna é pautada em um pueril denso, pois entendemos que a pós-custodialidade canadense interligada com a pós-modernidade irrompe de forma drástica com algumas características básicas da Arquivologia, ficando apenas no discurso teórico, não evoluindo para a prática, pois clarificamos que se os pós-modernos não se rendem aos objetivos da ciência é, então, porque buscam uma regra “total” construtiva na nuvem do discurso. Por conseguinte, revisar os pressupostos epistemológicos e paradigmáticos da Arquivística se faz necessário, principalmente face ao crescimento da área no cenário nacional e internacional e no campo teórico.

2 UMA AUTOPOIESE ARQUIVÍSTICA: UMA ESQUIZOANÁLISE DOS ISOMORFISMOS PARADIGMÁTICOS NA ARQUIVOLOGIA

Fazendo uma esquizoanálise na Arquivologia, pontuamos que a invenção da escrita e posteriormente seus diferentes suportes configurou-se como um aspecto que circunscreveu de forma contundente o campo arquivístico. Dessa forma, a maneira de se registrar ao longo dos tempos proporcionou mudanças significativas e que chegam no campo dos arquivos: “a origem dos arquivos dá-se, pois, naturalmente, desde que a escrita começou a estar a serviço da sociedade humana” (SILVA et al., 2009, p. 45).

Silva et al. (2009) entendem que os povos sempre manifestaram interesse pela comunicação, por meio da fala e dos signos ancorados em suportes, reunindo e organizando as informações. Toda essa necessidade traz consigo um meio prático de intervenção. Assim, para Silva et al. (2009, p. 45), a origem de acervos documentais radica uma motivação de índole pragmática. Daí que a constituição dos primeiros arquivos tenha obedecido a uma fórmula intuitiva, alheia a qualquer vertente técnica ou conceitual. Portanto, entendemos que os arquivos estavam totalmente voltados para as instituições que produziam os documentos.

Destarte, o campo arquivístico vem há algumas décadas com uma crescente na produção teórico-metodológica: isso ocorre devido ao avanço nas discussões que envol-

vem a área em diferentes lugares e no aumento da inserção de pesquisas arquivísticas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Dessa forma, a ideia de paradigma é um dos pontos mais presentes no cenário arquivístico atualmente, sobretudo em dois momentos: primeiro com o paradigma da Arquivística tradicional/custodial ligada aos manuais do século XIX e XX; e o segundo ao da Arquivística funcional/pós-moderna.

Nesse sentido, pontuamos que há mudanças significativas nas discussões paradigmáticas no campo dos arquivos na contemporaneidade; no entanto, compreendemos que ocorre uma tentativa de rompimento com o modelo tradicional, sobretudo por parte da arquivista canadense. Dessa forma, “esses dois mundos paradigmáticos” arquivísticos são pontuados de maneira diferente nos aspectos teóricos da área.

Nessa conjuntura, o método tradicional/custodial de organização de documentos centraliza-se na administração, no documento em si; não percebia, então, o teor informacional que aquele documento poderia oferecer, servindo em grande parte para a pesquisa por meio da ligação com a História. No entanto, é de se pensar o corte epistemológico que a Arquivologia custodial provocou com aquela rotulação de disciplina auxiliar da História.

Silva (2011) nos chama a atenção para compreendermos esse fluido do paradigma clássico e percebemos que, ao longo do tempo, a custodialidade teve seu grau de importância para a Arquivologia, procurando romper com outras disciplinas. Fonseca (2005, p. 55) também argumenta sobre o objeto do paradigma clássico da Arquivologia, o qual “era identificado pelo conjunto de documentos produzidos ou recebidos por uma dada administração; era o arquivo custodiado por uma instituição arquivística”. Assim, a autora vem reforçar os argumentos que aqui foram discutidos acerca dessa custodialidade. Já no final do século XX, por meio do avanço tecnológico, começou a ser pensado o que se vinculou nomear de paradigma pós-custodial, que propõe uma “nova” roupagem nas práticas do saber-fazer da Arquivologia.

Para os arquivistas, a mudança [...] requer deixar de identificar a si mesmos como guardiões passivos de um legado herdado, para celebrar o seu papel na formação ativa da memória coletiva (ou social). Dito de outra maneira, o discurso arquivístico teórico é a mudança do produto para o processo, da estrutura para a função, dos arquivos para o arquivamento, do documento para o seu contexto; do resíduo “natural” ou subproduto passivo da atividade administrativa para

a conscientemente construída e ativamente mediada “arquivização” da memória social (COOK, 2012, p. 125).

Então, essa mudança de paradigma também mudaria o rumo e a intencionalidade da Arquivologia que, na fase custodial, seria o documento em si, ou seja, o registro; no entanto, neste instante, é a informação arquivística interligada com o teor diplomático. Para Silva et al. (2009, p. 203), os grandes tratados de Arquivística incidem, regra geral, em questões de natureza prática e raramente descem à pesquisa sobre a essência da disciplina e as causas da sua presença no campo da Ciência da Informação. Podemos, pois, pensar que os avanços da tecnologia afetaram a Arquivologia em seus princípios paradigmáticos, como a noção de pós-custodialidade.

Entendemos que quando o autor traz esse pano de fundo emergente, ele tenta explicar de forma indireta os termos referentes às supostas “ciências pós-modernas” e sua relação com a Arquivologia pós-custodial, principalmente trazendo um olhar diferente daquele de Terry Cook. Silva (2011) novamente se faz enfático ao afirmar que uma nova pauta de reflexões lançada pela Arquivologia pós-custodial não leva, só por si, ao fortalecimento como campo disciplinar autônomo e independente. Além disso, devemos compreender se o paradigma pós-custodial traz esse sustentáculo reformista tão diluído na teoria arquivística contemporânea.

Então, essa discussão é bastante problematizada na Arquivologia, porém, mesmo com essa nova forma paradigmática de abordagem, o sentido autônomo e independente da Arquivologia não é refletido, ainda continua o mesmo, ou seja, com aquela velha que-rela do pragmatismo, o que muda é só o local em que a informação está registrada, o seu suporte. É pertinente ressaltar que relacionar a Arquivologia contemporânea com a adjetivação de “pós-moderna” acarreta um risco eminente, visto que o campo ainda absorve muito do paradigma tradicional/custodial e, além disso, o próprio termo “pós-moderno” é colocado de forma genérica ao de pós-custodialidade, acarretando uma confusão terminológica.

3 A TENDÊNCIA DE UMA “TERRETRIALIZAÇÃO” COERCITIVA: UMA DESCONSTRUÇÃO RIZOMÁTICA DA CONFIGURAÇÃO DE UMA “NOVA DISCIPLINA” ARQUIVÍSTICA FUNCIONAL/PÓS-MODERNA

Antes de iniciarmos qualquer discussão rizomática em torno da pós-modernidade na Arquivologia, é necessário esclarecer que o *desconstruir-se* pós-estruturalista se deu em um apreender, em que buscamos entender a partir de uma noção complexa os retratos conflitantes de um conceito controverso no pueril da Arquivística contemporânea.

Vale ressaltar que as fissuras em torno de uma “nova Arquivística” funcional pós-moderna são colocadas de forma descompensada e descontínua, sobretudo em relação aos fluxos que regem os planos de imanências⁵ delineados por Deleuze e Guattari (2010), e nesse ponto aprofundamos a ruptura a-significante na tentativa de desterritorializar a ideia de uma “nova Arquivística” funcional/pós-moderna.

É nesse aspecto de mudança teórica que partimos de uma conexão de desconstrução⁶, tentando desarticular essa noção de pós-modernidade no campo arquivístico, principalmente na perspectiva canadense.

O tom pós-moderno é um tom de dúvida irônico, de confiar em nada pelo valor de face, de sempre olhar por trás da superfície, de perturbar a sabedoria convencional. Os pós-modernistas tentam desnaturalizar o que a sociedade assume como natural sem questionar, o que a sociedade tem aceitado como natural, racional, provado, por gerações, talvez séculos – simplesmente o modo como as coisas são. O pós-modernista toma tal fenômeno “natural” – seja o patriarcado, o capitalismo, o cânone ocidental da grande literatura, ou arquivos – e os declara “anormais”, ou “cultural” ou “construídos”, ou “feitos pelo homem” (usando “homem” deliberadamente), tudo necessitando de uma maior investigação e análise (COOK, 2012, p. 8).

Dessa forma, notamos que a tentativa de mudança paradigmática no contexto arquivístico pensado por Terry Cook é, sobretudo, uma transformação de postura do profissional arquivista uma vez que nesse “re-encantamento pós-moderno” o arquivista deixaria de ser um “passivo tecnocrata” e passaria ao status de “ativo” na constituição das afasias da memória, contribuindo de forma mais concisa nas tomadas de decisões documentais.

⁵ Segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 47) “O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. O plano não tem outras regiões senão tribos que povoam e nele se deslocam. O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que se significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento”.

⁶ Justificamos que a desconstrução, neste caso, é pensada no sentido pós-estruturalista, ou seja, um conjunto de técnicas de análise para auferir outros pensamentos.

Destarte, essa nova abordagem apontada na literatura tem como uma de suas características o rompimento com o modelo tradicional no tocante à aplicação dos princípios arquivísticos como o da proveniência: “a proveniência pós-moderna é aquela na qual o arquivista desconfia da instituição produtora do documento, do sentido dado ao documento em determinado contexto e do motivo para sua guarda e acesso” (BARROS, 2014, p. 136). Logo, essa afirmação é um pouco conflitante, pois será que no mundo “encantado” pós-moderno o arquivista atuaria de forma contundente, questionando o motivo da criação das séries documentais dos órgãos produtores?

Segundo Tognoli (2010), na pós-modernidade tudo seria moldado a partir de um propósito e com os documentos isso não seria diferente; no entanto, é interessante contextualizarmos que a autora se refere às paráfrases de imparcialidade, em que nada seria neutro, tudo teria uma intenção. Logo, distanciando-se dessa visão reducionista que a autora trava, baseada em Terry Cook, entendemos que esses propósitos pós-modernos apontados não foram clarificados do ponto de vista de sua aplicabilidade no mundo prático dos arquivos, pois entendemos que esse escopo e essa abrangência não se diluem no cotidiano dos arquivos.

Voltando às afasias pós-estruturalistas, compreendemos que há um “choque” de entendimento em torno dessa abordagem funcional/pós-moderna, em que essa “tradução” conceitual não purifica o campo arquivístico, ou seja, em uma Arquivística mais ativa e uma não ativa, ou de um arquivista mais ativo ou menos ativo.

Para Latour (1994), a separação moderna entre o mundo natural e o social tem o caráter constitucional e esse axioma de constituição deve ser problematizado na Arquivologia. Já na esfera pós-moderna, há uma tentativa dogmática de “re-descobrimto” e reformismo nas entrelinhas teóricas do campo arquivístico pois, no mundo pós-moderno, o olhar estaria voltado para um processo transformador na constituição dos processos documentais e o arquivista seria o principal ator.

Sendo assim, essa nuance de reformulação paradigmática apontada por Terry Cook por meio de um enfoque pós-moderno não se reportaria apenas aos princípios arquivísticos; no entanto, ampliaria o olhar para toda a circunscrição do campo, pois tornaria necessário perceber as funções uma vez que os arquivistas teriam de exercer poder sobre elas, tomando decisões e deixando de ser neutros. Porém, é necessário refletir se de fato

nesse mundo pós-moderno o arquivista perderia a neutralidade e imparcialidade tão dirimida e atuaria de forma mais concisa e enfática nas tomadas das decisões documentais nas instituições.

Seguindo esta linha de pensamento, **o pós-modernismo**, apontando como a **tendência intelectual dominante dessa área**, apresenta-se como uma influência direta a todas as ciências e disciplinas, entre elas **a Arquivística**, indo de encontro, como citado anteriormente, às concepções que moldaram as características documentais no século XX, como a neutralidade e a imparcialidade (TOGNOLI, 2010, p. 9, grifo nosso).

Nesse sentido, discordamos da autora quando afirma que a pós-modernidade é uma tendência intelectual dominante. Essa visão apontada é amplamente contraditória já que a pós-modernidade não se baseia mais nos cânones unificadores, logo, descompasamos essa homogeneidade intelectual direcionada pela autora que tenta transportar para o entremeio arquivístico.

No pulso vertiginoso desse paradigma pós-moderno na Arquivologia apontado por Terry Cook, o que estará em jogo são dois pontos cruciais: o primeiro está relacionado à quebra com a tradicionalidade dos arquivos e dos arquivistas, principalmente com os manuais dos holandeses e de Hilary Jenkinson; e o segundo a uma reformulação dogmática da nova função do arquivista:

No entanto, o Manual dos Arquivistas Holandeses, como ficou conhecido, juntamente com o posterior *A manual of archive administration* do britânico Hilary Jenkinson (1922), sinalizou uma alteração de perspectiva e uma clivagem profissional entre os arquivistas, assim como sucedera no campo das bibliotecas: a descrição e arranjo/ordenação dos documentos administrativos atuais, ou seja, produzidos e recebidos nas diferentes instâncias burocráticas do Estado moderno, tinham de ser assegurados por profissionais integrados na carreira administrativa e auxiliares preciosos e indispensáveis do regular funcionamento das instituições. (SILVA, 2006, p. 19)

Diante disso, percebemos que essa ideia funcional tenta de forma contundente se distanciar dessa clivagem, pois o arquivista deve pensar além dos “muros petrificados do passado historicista”. E o segundo momento da afasia pós-moderna se contextualiza no final do século XX com o avanço da tecnologia da informação, pois nesse “incantare” o arquivista seria um partícipe aglutinador, criando performances dinâmicas que vão de

encontro ao passado estático e objetivo, edificando contextos e afirmando seu aspecto social.

A rigor, a questão do apreender no mundo dos arquivos consiste em encontrar uma discursividade propriamente conceitual para área, uma vez que essas visões pós-modernas são encadeadas de forma não compreensível e marcadas por uma contradição veemente no plano da imanência.

Tal paradoxo se dá meramente devido a uma natureza verossímil, não porque as opiniões travadas são contraditórias, mas porque notamos que o problema dessa funcionalidade pós-moderna no mundo dos arquivos corresponde a uma consistência intencional daquilo que se pretende transformar.

Não se pode dizer, de antemão, que essa pós-modernidade tão impulsionada no mundo atual da arquivística vem de fato reformular conceitos, “cada conceito corta o acontecimento, o recorte a sua maneira” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 43). De todo modo, é inútil atribuir um status de pós-modernidade à Arquivologia: não é criando um “novo paradigma” que a arquivística irá se livrar das armadilhas incongruentes das suas próprias aporias. Então, muitos desses problemas urgem sob olhos alucinados de uma intencionalidade meramente performática e particular.

Sabemos, todavia, que essa nova tendência pós-moderna vem acompanhada de cruzamentos atuais promovidos pelo produto tecnológico e pela mercadoria globalizada de uma sociedade denominada informacional e dinâmica, que não se estratifica mais na tecnicidade do projeto moderno.

Desse modo, no mundo dos arquivos, a pós-modernidade supostamente teria uma característica mais social; no entanto, questionamos se de fato a pós-modernidade transportaria a Arquivologia um hall de socialização tão dirimida, ou, então, será que no modelo tradicional a Arquivologia também não teria esse caráter social, mesmo com uma herança positivista do teor empírico?

Desse ponto de vista, é necessário reterritorializar os aspectos arquivísticos. Pode-se dizer que essa reterritorialização no mundo dos arquivos se dará a partir de um reenquadramento dessa ideia pós-moderna, pois entendemos que o termo funcional de Terry Cook corrói o campo em visões desconexas sob uma afasia teórica e prática uma vez que essa funcionalidade é aparentemente não clarificada no sentido da praticidade. Então,

esse devir de desterritorialização pós-estruturalista vem de certo modo rever essas variáveis caóticas, sobretudo em relação à constituição invariante de uma variabilidade pós-moderna em um pueril controverso e que não se dá apenas em um problema de definição conceitual, mas de aplicabilidade, “o pós-moderno interrompe e se rebela contra o moderno” (COOK, 2012, p. 6). E é nesse jogo equidistante que supostamente aconteceria essa transformação paradigmática na arquivística.

Assim, a perspectiva **pós-moderna**, calcada em uma visão menos reducionista do papel e da importância do arquivo enquanto instituição e dos arquivistas enquanto profissionais **dá uma nova configuração ao panorama teórico e prático da disciplina**. O pós-modernismo de Cook, a chamada para novos parâmetros de Taylor e o conhecimento histórico aplicado à análise funcional de Nesmith configuram-se como um aporte fundamental para a atualidade da área, em qualquer que seja a realidade Arquivística e documental (BARROS, 2014, p. 137).

Por seu turno, discordamos da abordagem do autor que menciona essa nova configuração pós-moderna, em que tenta difundir uma “revolução” em torno dos princípios arquivísticos, que se caracterizaria por uma reformulação épica que vai além do reducionismo do papel, como se a pedra fundamental dessa “nova arquivística” fosse escapar de forma alucinada da custódia, ou seja, do registro: “a lógica é reducionista, não por acidente, mas por essência” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 161).

Dessa forma, não podemos, todavia, contentar-nos em dizer que há uma suplementação pós-moderna no campo arquivístico: nos opomos a esse novo panorama de uma análise pós-moderna/funcional, sobretudo em torno dessa essência (des)construtivista. Então, o campo de criação pós-moderna se encontra balizado em uma analogia imprecisa, sobretudo nas instâncias teóricas e de aplicabilidade prática: “o pós-modernismo não é a única razão para a reformulação dos principais preceitos da ciência arquivística” (COOK, 2012, p. 17).

Para Cook, houve uma mudança significativa no entremeio institucional no contexto arquivístico, uma mudança de postura, pois o arquivo não serviria mais ao exercício dos micropoderes do Estado e o arquivista teria um novo papel, o de ser um partícipe nos processos amplos nos arquivos que vai além da “máquina do tempo” do registro, passando a dialogar com as novas tecnologias da informação e seus processos dinamizados, além de ser um produtor direto dessa nova ação.

O foco agora mudou de preservação de provas para a sua criação e apreciação. Os arquivistas tentam preservar registros confiáveis no contexto, garantindo que os registros sejam inicialmente criados de acordo com padrões aceitáveis de evidência, e, indo mais longe, garantindo que todos os atos e ideias importantes estejam devidamente documentados por evidência confiável, em vez de esperar, passivamente, por um resíduo natural emergir. E, se algum rearranjo ou integrações posteriores forem necessárias, isto é feito agora virtualmente, ordenando por computador, em vez de fisicamente reorganizando as coleções (COOK, 2012, p. 19).

Então, esse “vazio colorido” funcional/pós-moderno no que se refere à mutação de paradigma no cenário arquivístico, compreendemos que tenta negar com uma estrutura subjacente da área, em que a pós-modernidade de Terry Cook se impregnaria por transformar a relação contingente entre o “novo arquivista” e suas novas relações sociais, agora ancoradas pela metamorfose do avanço tecnológico e da desconfiança das velhas práticas.

Logo, nessa nova ótica pós-moderna/funcional, seria necessário superar de vez as preposições do projeto moderno e, no campo arquivístico, isso aconteceria a partir de uma dilatação dentro da área, no sentido de uma ampliação a partir de uma lógica cultural, porém, entendemos que esse dilatar transcendente não se caracteriza por uma redefinição ampla no mundo dos arquivos.

Todavia, é necessário reportar se de fato a influência pós-moderna na Arquivologia se configura por ser um novo “re-encantamento”. Logo, entendemos que ocorre uma universalidade pós-moderna arquivística reacionária em dois momentos: o dos arquivistas supostamente ativos e os “não ativos”.

Por conseguinte, foi imprescindível contextualizarmos como essa funcionalidade/pós-moderna vem sendo refletida na prática dos arquivos e dos arquivistas e não apenas em uma discursividade utópica. De todo modo, essa dialética apriorística pretendeu ultrapassar essa nova clivagem pós-moderna/funcional, em que persistimos na reterritorialização arquivística, uma vez que não podemos aceitar que a Arquivologia se referencie a esse estigma de uma “nova disciplina” funcional/pós-moderna, sendo necessário que os arquivistas olhem para sua “origem” e não para suas “verdades fundantes”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil compreender como o limite corrói imediatamente o infinito, o ilimitado (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 142).

Nesse ensaio, apontamos a necessidade de revisitar o campo teórico da Arquivologia. Não negamos a importância teórica que Terry Cook forneceu para a teoria arquivística na contemporaneidade, sobretudo nos aspectos sociais da Arquivologia; no entanto, discordamos dessa relação que o autor faz com a pós-modernidade, principalmente por meio da descontinuidade e da ruptura a-significante. Dessa forma, percebemos que a confusão epistemológica está impregnada nas ações conceituais da área. Diante disso, a partir de uma análise pós-estruturalista, apontamos que a teoria funcional de Terry Cook com influência pós-moderna não remodifica o campo arquivístico e nem refaz a “beleza do morto” de um reformismo da disciplina.

Sendo assim, entendemos que a pós-modernidade não estratifica um novo olhar na construção do saber arquivístico, porém, auferimos que a pós-modernidade é um “terreno movediço”, onde não sabemos exatamente o que sustenta, onde estamos e para onde vamos. Logo, transportar essa abordagem para a Arquivologia é emblemático. Então, a partir de um novo apreender, apontamos que a Arquivologia não se configura por ser pós-moderna nem funcional, como colocada por Terry Cook, porque a pós-modernidade é uma nuvem utópica que tenta de forma coercitiva desconstruir/construindo, ou seja, tenta romper com as totalidades criando outras, condena a objetividade da ciência moderna, mas busca um objeto comum. Por conseguinte, a Arquivística e os arquivistas precisam discutir essas ações, sobretudo em torno desse discurso de pós-modernidade/funcionalidade que é tão controverso e incongruente, sobretudo na aplicabilidade prática nos arquivos.

Com a palavra, os pós-modernos arquivistas.

**A DISRUPTION-A SIGNIFICANT: THE DECONSTRUCT THE IDEA OF A
NEW POSTMODERN ARCHIVAL SCIENCE "UNDER AN OPTICAL POST-
STRUCTURALIST**

ABSTRACT

In this essay we seek to deconstruct the status of a new Canadian post-modern functional archival from a post-structuralist analysis. Thus, we aim through a theoretical research to understand the epistemic/conceptual relationship on archival context through an analysis of traditional/custodial and functional/post-custodial paradigms that last with post-modern influence. In this sense, this duality permeates the inset area, mainly in theoretical and methodological aspect. Therefore, we affirm that postmodernity is settled on archival field in decompensated and conflicting way because the functional paradigm / post-custodial is not represented by a reformist nor redefines the hall of a new "archival" as directed by the Canadian part .

Keywords: Traditional archival. Post-custodial archival. Post-structuralism. Post-modernity.

REFERÊNCIAS

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **A representação da informação arquivística: uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro.** 2014. 222 f. Tese de Doutorado em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2014.

COOK, Terry. Arquivologia e pós-modernismo: novas reformulações para velhos conceitos. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 123-148, jul./dez. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

HARVEY, DAVID. **Condição pós-moderna.** 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

JENKINSON, Hilary Sir. **A manual of Archive Administration.** Oxford: Oxford University Press, 1922.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: UNESP, 2000. 438.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LOPES, Luis Carlos. **A imagem e a sombra arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado, 1998.

SILVA, Armando Malheiro da. et al. A Arquivologia pós-custodial e suas implicações no modelo formativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA, 15, 2011, João Pessoa. **Slides da apresentação...** João Pessoa: UEPB, 2011.

_____. **Arquivística**: teoria e prática de uma Ciência da Informação. 3. ed. Porto: Afrontamento, 2009.

_____. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, Luiz Eduardo Ferreira da. **Ciência como técnica ou técnica como ciência**: nas trilhas da Arquivologia e seu status de cientificidade, 2013. 138 f. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.

TOGNOLI, Natália Bolfarini; GUIMARÃES, José Augusto Chaves Arquivística pós-moderna, diplomática arquivística e arquivística integrada: novas abordagens para a construção de uma disciplina contemporânea. In: ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Inovação e inclusão social**: questões contemporâneas da informação. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/249>>. Acesso em: 28 out. 2014.

Trabalho recebido em: 28 out. 2014

Trabalho aceito em: 22 set. 2015
